

Velocidade de Escape



© João Tuna / TNSJ

Ana Vitorino

Carlos Costa

João Martins

“Velocidade de Escape” estreou a 16 de março de 2018 no Teatro Carlos Alberto, Porto

Texto e Direção Ana Vitorino, Carlos Costa, João Martins

Cenografia Inês de Carvalho

Sonoplastia João Martins

Desenho de Luz Pedro Correia

Vídeo Nuno Barbosa

Interpretação e Cocriação Mafalda Banquart, Pedro Carreira, Tiago Araújo

Coordenação de Produção Teresa Camarinha

Coprodução Visões Úteis / Teatro Nacional São João

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

PERSONAGENS

PEDRO, 45 anos

CONVIDADA, 25 anos

CONVIDADO, 27 anos

PRÓLOGO

A casa de PEDRO. Um espaço minimalista, praticamente vazio, a preto e branco. A parede ao fundo está ocupada por um enorme ecrã, onde se vê a imagem animada de uma paisagem serena e verdejante. Ouve-se um som relaxante. No centro do espaço, um cubo branco. PEDRO está sentado no cubo, de olhos fechados, concentrado no som.

PEDRO (*em off*) — Estás de pé, no centro de uma sala, pequena, escura. Consegues distinguir as paredes. Subitamente vês um quadrado de luz. Há uma janela na sala. Tentas dar um passo em frente, mas sentes uma tensão a vir da tua perna direita. O passo sai-te pequeno, arrastado. Tentas com a perna esquerda. Sentes a mesma tensão. Olhas para baixo, e percebes que tens fios a saírem-te das pernas, fios pequenos mas resistentes que se estendem para trás, no escuro, e te limitam os movimentos. A custo, aproximas-te da janela e olhas para o exterior. Vês árvores frondosas e relva viçosa em baixo. Em cima, um céu do mais perfeito azul. Fechas os olhos e sentes uma brisa que começa a soprar contra as tuas costas, a querer empurrar-te para a janela. A brisa é fresca e corta o ar abafado da sala. Sentes que todo o teu corpo deseja levantar voo, empurrado por esta brisa, e que a única coisa que o impede são os fios que te prendem à sala escura. Agarras um destes fios e vês que lá no fundo, na outra ponta, estão todas as tuas preocupações. Firmemente, puxas o fio com as duas mãos e “PLIC”, ele parte-se. Sentes a perna soltar-se e mexer-se à vontade.

PEDRO abre os olhos e olha em volta, preocupado. Desenha no ar um gesto de comando. A velocidade do áudio aumenta. PEDRO começa a mover o corpo, seguindo a descrição.

PEDRO (*em off, acelerado*) — Sentes a perna e testas todas as articulações, dos pés às ancas. Ativas os músculos. Um formigueiro espalha-se e ativa a circulação. Sentes uma amostra de liberdade e leveza. Agarras outro fio com as duas mãos. Esta outra ponta, que te impede o movimento da perna direita, prende-te às tarefas do quotidiano. Sentes o enorme fardo dos dias que se seguem sem tréguas no calendário.

PEDRO desenha no ar um gesto de comando. A velocidade do áudio volta ao normal.

PEDRO (*em off*) — Firmemente, puxas o fio com as duas mãos e “PLIC”, ele parte-se. Sentes a perna direita liberta, à vontade.

PEDRO repete o gesto que acelera o áudio.

PEDRO (*em off, acelerado*) — Ativas a perna, do pé até à anca, articulação, a articulação, músculo a músculo. Um fluxo de energia percorre o teu corpo de baixo para cima. A brisa nas tuas costas faz-te estender a coluna. Tentas mexer o braço direito. Sentes o peso de outro fio. Uma nova ponta, perdida no fundo da sala escura, prende-te às pessoas que te rodeiam. Sentes-te preso aos presentes e aos ausentes, às relações que não te permitem crescer.

PEDRO repete o gesto que restaura a velocidade normal do áudio.

PEDRO (*em off*) — Firmemente, puxas o fio com as duas mãos e “PLIC”, ele parte-se. O teu braço está livre.

PEDRO repete o gesto que acelera o áudio.

PEDRO (*em off, acelerado*) — Sentes cada uma das articulações dos dedos. O teu braço move-se à vontade. A tua mente liberta-se. Concentras-te agora no braço esquerdo. Ainda outro fio te prende e se perde no escuro. No fim desta outra ponta, estão os espaços que ocupaste: casas inteiras, divisões, móveis. Gavetas e caixotes onde acumulaste todas as tuas memórias. Sentes o peso dos álbuns fotográficos, de todos os registos: cartas, diários, anotações, toneladas de papel.

PEDRO repete o gesto que restaura a velocidade normal do áudio.

PEDRO (*em off*) — Firmemente, puxas o fio com as duas mãos e “PLIC”, ele parte-se. O teu braço está livre.

PEDRO repete o gesto que acelera o áudio.

PEDRO (*em off, acelerado*) — Descobres cada articulação, cada movimento. A brisa empurra o teu corpo. Apenas outro fio te prende ao fundo escuro da sala. Detalhes e distrações de vidas passadas. Uma amálgama de vozes e ruídos impede-te de veres com clareza o teu objetivo.

PEDRO repete o gesto que restaura a velocidade normal do áudio.

PEDRO (*em off*) — Firmemente, seguras com as duas mãos esta última ponta e “PLIC”, ela parte-se. Libertas a cabeça e o pescoço.

PEDRO repete o gesto que acelera o áudio.

PEDRO (*em off, acelerado*) — Sentes-te a crescer. Leve. À vontade.

PEDRO repete o gesto que restaura a velocidade normal do áudio.

PEDRO (*em off*) — E, no final, só resta a leveza do teu corpo, que agora pesa pouco mais do que uma pena. E quando a brisa volta a soprar, já nada te prende e o teu corpo eleva-se no azul perfeito do céu. Estás a flutuar, estás a flutuar.

Veem-se as silhuetas dos convidados a aproximar-se da casa.

PEDRO (*em off*) — Vês todo o mundo de cima, cada contorno, cada forma, cada cor. Podes ir onde quiseres, quando quiseres.

Os convidados param, à entrada da casa. O sistema de som e imagem da casa muda para um ambiente acolhedor.

PEDRO — Chegaram. Foram pontuais. *(pausa)* Devem estar nervosos. Vou deixá-los esperar um pouco. *(pausa)* Já chega.

PARTE 1 - RECEÇÃO

PEDRO levanta-se e vai receber os convidados, que estão parados à entrada, cada um deles com uma pequena mochila às costas.

PEDRO — Bem-vindos. *(para a CONVIDADA)* Posso tratá-la por Ana?

ANA — Claro que sim.

PEDRO *(para o CONVIDADO)* — Posso tratá-lo por Bruno?

BRUNO — Claro que sim.

ANA — Podemos tratá-lo por...?

PEDRO — Pedro. Entrem. Entrem. Ana, entre por favor. Bruno, por favor entre. *(hesita)*. Peço desculpa! Ainda não começámos e já me estou a repetir. E sem necessidade, reparem. Bastava ter dito isto uma vez. Aliás, nem precisava de ter dito isto porque estava implícito no convite. Implícito? Disparate! Qual implícito?! Estava completamente explícito. Pelo menos a parte do convite, digo a parte de virem, portanto entrarem. Enfim, foi uma precisão desnecessária, que mais poderei dizer?

BRUNO — Não faz mal.

ANA — Não tem porque se desculpar.

PEDRO — Claro que não. Peço desculpa. Peço desculpa por me tentar desculpar quando não havia necessidade nenhuma... ah, viram? Voltei a fazer a mesma coisa. Inacreditável. Sentem-se! *(aponta o espaço vagamente, eles avançam; ele hesita)* Hmm... ora, o que pareceria lógico aqui seria eu sentar-me na cadeira e vocês no chão, mas isso denotaria uma maior importância atribuída a mim, só por ser anfitrião e, ainda por cima, sendo mais velho, poderia dar uma impressão de superioridade, de que eu me vejo como uma espécie de professor ou guru. Por isso o melhor seria um de vocês sentar-se na cadeira, se for o Bruno pode parecer mal, por que raio teria de ser obrigatoriamente um homem a sentar-se na cadeira? Mas se for a Ana também é um pouco estranho, pode parecer paternalista. Por isso, e apesar de parecer um paradoxo, a melhor solução é a que eu afastei logo ao início: eu sento-me na cadeira e vocês no chão.

Ele senta-se. Eles sorriem para ele.

PEDRO — ... ou podemos ficar todos de pé. *(levanta-se)*

ANA e BRUNO pousam as suas mochilas no chão e abrem cada um o seu pequeno banco desdobrável, acoplado à mochila. Sentam-se. PEDRO sorri, impressionado.

BRUNO — Não estamos aqui para dar trabalho, Pedro!

PEDRO — Claro que não, claro que não...

ANA — Estamos aqui para...

PEDRO — ... para...?

BRUNO — Diga-nos o Pedro.

ANA — Foi o Pedro que nos convidou.

PEDRO — Pois fui, claro!

ANA — E que é que se vai passar, Pedro?

PEDRO — O que é que se vai passar?

ANA — O que é que se vai passar entre nós? O que é que se vai passar agora, Pedro?

PEDRO — Agora? Agora vamos passar algum tempo juntos.

ANA — Passar tempo?

PEDRO — Tempo: Aquilo que se mede com um relógio; Passar: simplesmente...“Tic-Tac, Tic-Tac”, depois outro Tic, depois outro Tac... O tempo passa, se o deixarmos. É importante. Porque quando não passa, torna-se mais longo... cola-se a nós... é muito aborrecido...

PEDRO fica perdido em pensamentos. O sistema de som e imagem entra em suspensão; no ecrã aparece brevemente a imagem do interior de um quarto. PEDRO volta a olhar para os convidados, que o observam. O sistema de som e imagem regressa ao ambiente acolhedor.

PEDRO — Desculpem... era só uma imagem.

Pausa.

BRUNO — Não peça desculpa, Pedro.

Silêncio. Sorriem uns para os outros delicadamente.

ANA — Muito agradável. O espaço.

.

Pausa.

PEDRO — Confortáveis?

Eles respondem afirmativamente com gestos subtis.

PEDRO — Alguém toma alguma coisa?

Silêncio.

ANA (*com um risinho súbito*) — É uma adivinha?

PEDRO (*algo cansado*) — Estava... (*corrige-se*) ESTOU a perguntar se desejam beber alguma coisa.

BRUNO — É muito simpático.

Silêncio. PEDRO retira do bolso um cartão. Lê.

PEDRO — Vocês preferiam... só poder usar 20 palavras a vida toda ou nunca poder repetir cada palavra depois de a usar?

Silêncio. ANA e BRUNO olham um para o outro, confusos.

PEDRO — É um jogo!

ANA e BRUNO sorriem, aliviados.

BRUNO — Então... só poder usar 20 palavras a vida toda...?

PEDRO — ... ou nunca poder repetir cada palavra depois de a usar.

Silêncio. Eles pensam. PEDRO levanta-se e começa a andar pelo espaço, em oitos.

PEDRO — Então? Estão a pensar?

BRUNO — Sim.

ANA — Sim...

PEDRO — E pensam parados?

BRUNO — Depende...

ANA — Sim.

PEDRO — Eu descobri que penso melhor se estiver em movimento. Experimentem.

Eles levantam-se, confusos.

ANA — Faz parte do jogo?

BRUNO começa a andar, em linha reta. PEDRO observa.

PEDRO — O Bruno pensa em linhas retas?

BRUNO — Sim. Parece que sim.

PEDRO — E a Ana?

ANA — Acho que, se tiver que estar em movimento, (*começa a andar*) penso em... diagonais. (*pára e observa o espaço*). Uno os pontos.

PEDRO — Losangos?

ANA — Acho que sim...

Todos se movem. BRUNO em linhas retas, ANA em losangos, PEDRO em oitos.

BRUNO (*contando com os dedos*) — Vinte-palavras-o-resto-da-vida.

ANA — “Sim”.

BRUNO — “Não”.

ANA — “Porque”.

BRUNO — “Para”.

ANA — “E”.

PEDRO — Com vinte palavras seria difícil contar uma história... (*reparando no movimento dos três*) Estão a ver, estamos todos a pensar. Precisamos é de ter cuidado para não interrompermos o percurso do pensamento dos outros. Mas queimar uma palavra à primeira utilização... só agora já teria queimado...

BRUNO (*assertivo*) — Quarenta e duas palavras.

PEDRO — Exato.

BRUNO — Quarenta e três, agora.

ANA e BRUNO quase esbarram um no outro.

PEDRO (*indicando o desenho de movimento*) — Isto para mim é fácil, porque os meus oitos podem ser mais apertados ou mais largos, em função da dificuldade da questão. Ou de hipóteses... às vezes uso hipóteses e cenários e isso obriga-me a curvar mais ou menos...

Para mim é tudo um oito, percebem? Tenho uma ideia: alargo a cabeça do oito, alargo, alargo, alargo... Entro em detalhe: encolho a parte de baixo, encolho, encolho, encolho...

ANA — Isso é outra metáfora?

BRUNO (*para ANA*) — O Pedro usa imagens.

PEDRO vai encolhendo os seus oitos, em redor do cubo.

ANA (*para BRUNO*) — Imagens feitas com palavras, não é?

BRUNO (*para ANA*) — Muitas palavras.

ANA (*para BRUNO*) — E algumas delas, mais do que uma vez.

BRUNO (*para ANA*) — Este jogo não deve ser fácil para ele.

Eles param, observando PEDRO. PEDRO pára, observando o cubo. Parece incomodado.

PEDRO (*subitamente*) — Acho que precisamos doutra música.

PEDRO faz um gesto no ar. Entra uma música descontraída, com notas tropicais.

ANA (*reconhecendo*) — Happy music!

BRUNO — Happy music! Gosto.

BRUNO e ANA parecem satisfeitos. PEDRO pensa.

PEDRO — Não.

ANA — Não? Não era para mudar?

PEDRO — Era para mudar. Mas isto são ukuleles.

BRUNO (*confirmando*) — Happy Music.

PEDRO — Ukuleles... não suporto ukuleles!

ANA — Ah... então, Happy Music sem ukuleles?

BRUNO — Há mais algum instrumento que queira excluir?

PEDRO — Não. Eu não sou esquisito. É só que “ukuleles”, a mim, deixam-me mais irritado do que feliz. Isto deve ser um erro.

BRUNO — Pode não ser. Normalmente, o “happy” remete para o Verão e para a praia... o Pedro não gosta de praia?

PEDRO, incomodado, não responde. Silêncio, mal-estar geral.

ANA (*tentando mudar de assunto*) — O Pedro não dança?

PEDRO — Já não danço há imenso tempo.

BRUNO — Mas costumava dançar?

PEDRO — Às vezes.

ANA — E gosta?

PEDRO — Gostava.

ANA — Dançava bem?

PEDRO — Não.

Eles parecem desanimados.

PEDRO — Mas divertia-me na mesma!

PEDRO faz um gesto para mudar a música. Entra uma versão de dança de uma música dos anos 80 que BRUNO e ANA não reconhecem. PEDRO sorri, feliz.

PEDRO — Não conhecem? Toda a gente conhece isto. (*começa a mexer-se*)

BRUNO segue PEDRO e começa também a mexer-se.

PEDRO — Vá lá, Ana, é fácil!

ANA começa também a mexer-se. O volume da música aumenta. Dançam os três, separados, PEDRO de modo cada vez mais expansivo, ANA e BRUNO com movimentos pequenos e controlados. PEDRO observa-os.

PEDRO — Estão a divertir-se?

BRUNO — Sim, Pedro.

ANA — Muito.

PEDRO (*aproximando-se deles*) — Não parece. (*pausa*) Estão muito sérios.

BRUNO — Muito sérios, Pedro?

PEDRO — Sim. Costumam dançar assim?

ANA — Podemos sorrir. (*sorri*)

BRUNO — Prefere, Pedro? (*sorri*)

PEDRO sorri, aprovando. Solta um pequeno riso. Eles respondem com pequenos risos. PEDRO solta uma gargalhada. Eles respondem com gargalhadas. Continuam a dançar, PEDRO está cada vez mais satisfeito. A música entra em fade-out. ANA e BRUNO param imediatamente de dançar. Olham para PEDRO de modo inexpressivo.

BRUNO — Foi muito divertido, Pedro.

ANA — O que é que vamos fazer a seguir?

A música pára. Silêncio. PEDRO está desconfortável.

PEDRO (*pensando*) — Gostam de histórias?

BRUNO — Histórias?

PEDRO — Sim. Podiam contar-me alguma história que conheçam, que achem interessante ou que tenham lido. Gostam de ler?

BRUNO — Eu leio assiduamente.

ANA — Ler é importante. O Pedro lembra-se de alguma boa história que tenha lido?

PEDRO — Eu... bom... sim, claro, muitas...

BRUNO — Quer contar-nos uma?

Olham atentamente para PEDRO.

PEDRO — Bom, assim de repente... lembro-me de várias... as histórias que eu me lembro de ter lido são essencialmente de dois géneros: extremamente simples ou extremamente complexas.

BRUNO — Comece pela que achar mais interessante.

ANA — Sim, é melhor.

Eles sentam-se e olham para PEDRO.

PEDRO — Bom, então... (*aclara a garganta; o sistema de som e imagem instala um ambiente épico*) Imaginem uma planície que se estende até uma praia. Ao longe, no mar, aproxima-se uma enorme armada, como um bando de pássaros, cobrindo o horizonte. O bronze das armaduras dos guerreiros brilha num clarão que atinge o céu. Nos barcos chegam povos de todos os pontos cardeais, preparados para a guerra. Cada povo traz os seus líderes e heróis. Chegam os Beócios, habitantes da Beócia, em 50 barcos côncavos; os Cefalénios, chegam em 12 naus, conduzidos por Ulisses; os Etólios, guiados por Toas, alinham 40 barcos côncavos; os Magnetes, vindos das margens do Peneu, eram comandados por Prótoo, seguido por 40 naus; Agamémnon, comandante supremo dos Aqueus, era o que vinha mais bem preparado: comandava 100 barcos côncavos. (*preparando-se para terminar*) Mas o homem incomparavelmente melhor era Ajax, pois Aquiles não estava presente.

BRUNO — Mas Pedro... qual é a necessidade de afirmar constantemente que os barcos são côncavos?

ANA — ... como se pudessem ser convexos?

Silêncio.

PEDRO — Não! Não estão a perceber. Podia ser uma jangada, uma bateira, que também é um barco. Portanto isso dos barcos serem côncavos quer dizer que não são barcos dos planos mas dos côncavos; são barcos preparados para grandes cargas e mares alterosos...

BRUNO — Mas é tão... descritivo.

ANA — Repetitivo.

PEDRO fica irritado com a análise deles. Senta-se no cubo, afetando despreendimento.

PEDRO — Eu conto outra, então. (*aclara a garganta; o sistema de som e imagem instala um ambiente clássico*) Era uma vez uma menina, uma mãe e uma senhora mais velha.

Silêncio. ANA e BRUNO aguardam expectantes.

PEDRO — E um dia a menina encontrou a senhora mais velha e esta deu-lhe uma panela que fazia papas.

Silêncio. ANA e BRUNO aguardam expectantes.

PEDRO — Era uma panela mágica, percebem? (*suspira*) E a menina levou a panela para casa e mostrou-a à mãe, e a panela começou a fazer papas, e estava tudo bem, mas depois a panela continuou a fazer papas e mais papas, e não parava de fazer papas.

Silêncio. ANA e BRUNO aguardam expectantes.

PEDRO — ... e mais papas, e mais papas, e mais papas, e havia papas por todo o lado...

Silêncio. ANA e BRUNO aguardam expectantes.

PEDRO — ... e mais papas, e mais papas, a cidade já toda coberta de papas, até que finalmente a menina grita: “Pára, pára, panelinha!”

Silêncio. ANA e BRUNO aguardam expectantes.

PEDRO (*gritando alto*) — “Pára, pára, panelinha!”. E a panela parou.

Silêncio. ANA e BRUNO aguardam expectantes.

PEDRO — Fim. (*cansado*) Foi melhor?

ANA (*entusiasmada*) — Uma panela mágica?

BRUNO (*fascinado*) — E a cidade ficou TODA coberta de papas?

ANA (*para BRUNO*) — Deve ter morrido imensa gente.

BRUNO (*para ANA*) — Isso a história não diz. (*para Pedro*) Pois não?

ANA e BRUNO olham expectantes para PEDRO, que não responde. Retira do bolso um cartão com um tópico de conversa.

PEDRO (*lendo*) — Vocês preferiam ter de lutar com 100 cavalos do tamanho de patos; ou com 1 pato do tamanho de um cavalo?

Silêncio. Os três levantam-se e começam os seus percursos de pensamento: BRUNO em linhas retas, ANA em losangos, PEDRO em oitos.

BRUNO — ...ter de lutar com 100 cavalos do tamanho de patos...

PEDRO — ... ou com 1 pato do tamanho de um cavalo?

ANA (*pensando*) — Os cavalos, assim do tamanho de um patinho... até podem ser inofensivos. Agora um pato do tamanho de um cavalo é assustador.

BRUNO — Mas é importante considerar também as capacidades cognitivas de cada espécie; em princípio um pato é menos inteligente que um cavalo.

PEDRO — E há também a questão dos instintos: sobrevivência, agressividade...

ANA — Um pato gigante, com um bico gigante, dentes gigantescos. (*ANA para e olha para cima, como que vendo o pato*)

BRUNO (*aproximando-se dela*) — Um pato não tem dentes. (*subitamente*) Vocês sabiam que algumas aves não conseguem olhar para o céu? (*Pedro olha para ele, intrigado*) Não conseguem dobrar o pescoço, assim (*olha para cima, como ANA*).

ANA (*ainda a olhar para cima*) — Um pato gigante é assustador.

PEDRO *mima um pato gigante nas costas deles.*

BRUNO (*para ANA*) — Mas os cavalinhos são 100. Vão encher este espaço todo. Vai ser impossível lutar. Agora com um pato grande, podemos aproveitar a sua menor inteligência relativamente aos cavalos... e relativamente a nós.

ANA (*para BRUNO*) — Mas os cavalinhos são deste tamanho. É fácil dividir o problema em 100 partes, cada uma assim pequenina, percebem? E despachamos os cavalinhos um a um!

BRUNO (*para ANA*) — Não. Não podemos partir do princípio que os cavalinhos vão atacar um a um; pode não ser verdade. (*para PEDRO*) Os cavalinhos estão organizados, Pedro?

Silêncio.

BRUNO (*para ANA*) — Eles vão delinear uma estratégia, vão todos atacar ao mesmo tempo, tenho a certeza!

PEDRO — Então, decidem-se ou não?

Silêncio.

ANA — Eu não consigo, Pedro. (*ilustrando com as mãos o tamanho de um pato gigante*) Precisava de ver o pato.

BRUNO (*ilustrando com as mãos dois tamanhos realistas de patos*) — Pequeninos assim? Ou pequeninos assim?

ANA — Precisávamos de ver...

Silêncio.

PARTE 2 - CAIXA 1

PEDRO (*subitamente*) — Querem ver? Querem ver uma coisa concreta?

Silêncio. BRUNO e ANA ficam confusos.

PEDRO — Quero dizer... não quero dizer, DIGO, digo: uma coisa mesmo concreta?
Querem ver?

ANA — Com certeza.

PEDRO — Sempre estive aqui, mas vocês ainda não viram. *(olha para eles com um sorriso triunfante; eles estão confusos)* É como se não existisse até eu a mostrar.

PEDRO levanta o cubo branco, revelando que por baixo se esconde uma caixa de cartão selada. A caixa tem uma etiqueta onde está escrito "Para guardar". ANA e BRUNO olham-na com alguma surpresa. PEDRO sorri e pousa o cubo branco ao fundo.

BRUNO — Que curioso... perdão, inusitado...

ANA — O que é?

BRUNO — É uma caixa.

ANA — Sim, mas o que é?

PEDRO — Aha, essa é a pergunta certa!

BRUNO *(lendo)* — Diz "Para guardar".

ANA *(lendo)* — "Para guardar".

BRUNO — Para guardar. Muito bem. E está guardada. Muito bem guardada.

ANA — Sim. Quase que se poderia dizer que está escondida. Mas desde que o Pedro saiba onde está, está guardada, não é?

PEDRO — Sim. Sim e não. Sim, MAS não. É mesmo esse o problema: não está guardada, está escondida!

BRUNO — Então é para mudar? Encontrar um sítio para guardar?

ANA — Qual é o sítio certo?

PEDRO — Não sei. Esse é que é o problema.

Pausa. ANA e BRUNO mexem-se, propondo vários pontos no espaço.

BRUNO — Aqui?

PEDRO — Não.

ANA — Aqui?

PEDRO — Não.

BRUNO — Aqui?

PEDRO — Não.

ANA — Aqui?

PEDRO — Não.

BRUNO — Aqui?

PEDRO — Não.

ANA — Aqui?

PEDRO — Não. Assim, ficava sempre a vê-la.

ANA — Ah! O Pedro quer que a caixa fique guardada fora da vista?

BRUNO — Fora da vista, mas sem estar escondida?

PEDRO — Sim.

BRUNO (*apontando a caixa*) — Posso?

PEDRO (*hesitante*) — Pode...

BRUNO — Feche os olhos, Pedro.

PEDRO fecha os olhos. BRUNO levanta a caixa acima da cabeça, esticando os braços.

BRUNO — Abra os olhos, Pedro. Imagine que eu não estou aqui.

PEDRO abre os olhos. Aproxima-se de BRUNO e fica a olhar para ele.

BRUNO — Eu não estou aqui. Só está aqui a caixa. Eu não estou aqui.

PEDRO — Não! Porque o Bruno não poderia ficar sempre aí.

ANA — E se colocássemos esta caixa no meio de outras caixas? (*apontando à volta*)
Imagine que púnhamos aqui 50 caixas.

BRUNO (*voltando a colocar a caixa no sítio original*) — E colocávamos esta aqui.

PEDRO (*irritado*) — Mas quais caixas? Veem outras caixas? Esta é A caixa. Não há outras caixas.

ANA — Ah! Mas o Pedro não tinha dito que esta era A caixa!

BRUNO — Nós pensávamos que era apenas UMA caixa!

PEDRO — Claro que esta é A caixa. Se fosse só UMA caixa eu conseguia resolver isto sozinho!

ANA (*percebendo*) — O Pedro precisa de ajuda!

BRUNO (*voluntarioso*) — E nós ajudamos, Pedro! Temos é de abrir a caixa.

PEDRO — Para quê?

BRUNO — Para saber o que está lá dentro.

PEDRO — Para quê? Não interessa o que está lá dentro. Interessa é que é para guardar!

ANA — Não podemos ajudá-lo a descobrir o sítio certo para guardar a caixa sem sabermos o que está lá dentro.

BRUNO — O que é que está lá dentro, Pedro?

Silêncio.

PEDRO — Imaginem... que íamos construir um papagaio!

ANA — Um papagaio?

PEDRO — Um papagaio de papel.

BRUNO — É um papagaio que está lá dentro?

ANA — Porque é que... Em que é que isso o vai ajudar a resolver o problema da caixa?

BRUNO — O que é que está lá dentro, Pedro?

PEDRO — Seria só uma experiência, uma experiência pioneira — na altura foi pioneira. Então, fazíamos um losango. Você cortava o losango, Carmen. Posso tratá-la por Carmen?

CARMEN — Claro que sim, Pedro.

PEDRO — E você, David... posso tratá-lo por David?

TIAGO — Claro que sim, Pedro. O que é que está lá dentro?

PEDRO — Você cortava duas varas de madeira; leves, (*indicando com os braços*) mais ou menos deste tamanho. (*corrige-se*) “Mais ou menos”, não! DESTES tamanho!

Eles ficam confusos. Começam a mimar as ações que ele indica.

PEDRO — Teria de estar um céu cinzento, sem sol, carregado de nuvens. Tem de chover, mas chover a sério! Uma tempestade!

O sistema de som e imagem instala um ambiente de tempestade, progressivamente mais violento.

CARMEN — Um papagaio de papel numa tempestade?

DAVID — Papel? É papel que está lá dentro?

PEDRO — Oh, um papagaio de papel não é feito de papel; papel é o nome. Estamos a usar seda, certo, Carmen?

CARMEN (*confusa*) — Sim, Pedro: Seda.

PEDRO — Temos de amarrar um fio à cauda do papagaio: um fio de cânhamo para aproveitarmos a condutividade. O David tratava do fio.

DAVID — Ok, Pedro.

PEDRO — O fio vai ficar completamente encharcado e por isso muito condutivo. Depois prendíamos uma chave ao fio, mais ou menos a meio. Podia ser a chave da sua casa, Carmen.

CARMEN — Mas, Pedro/

PEDRO (*interrompendo*) — E quando o relâmpago viesse, a descarga seria levada até uma espécie primitiva de acumulador, o que demonstraria a natureza elétrica da tempestade — da tempestade, Carmen!

DAVID — São lâmpadas, Pedro, dentro da caixa?

CARMEN — Mas, Pedro/

PEDRO (*interrompendo*) — David, segure no papagaio. Carmen, desenrole o fio.

PEDRO afasta-os um do outro em diagonal, para dois cantos opostos.

PEDRO — Mais, mais, mais... (*eles param, no limite do espaço*) Prepare-se para correr, Carmen!

CARMEN — Correr para onde?

PEDRO — Para as nuvens, Carmen, para voar, correr até levamos com uma descarga elétrica. Corra Carmen, corra! (*CARMEN começa a correr em círculos, mimando que desenrola o fio do papagaio*) Porque depois da eletricidade vem tudo atrás — corra também, David (*DAVID começa a correr em círculo, atrás de CARMEN, mimando que segura o papagaio*) — veio tudo atrás: a revolução, a independência, a liberdade, o direito a perseguir a felicidade. Não largue ainda, David! (*cada vez mais entusiasmado*) E aprendíamos a fazer leis justas, a fundar um novo Estado, a governar uma nação, a liderar homens, e mulheres, e a enviar mensagens claras! (*para eles*) Esperem pelo momento certo! Porque faz parte da liderança enviar uma mensagem clara! (*para eles*) Esperem pelo momento certo. “Não se atropelem, haverá dias melhores, haverá dias em que haverá dias melhores para todos.” Esperem pelo momento certo!

Eles param de correr, exaustos. A tempestade desaparece.

CARMEN — Mas, Pedro, isto não o vai ajudar a resolver o problema da caixa.

PEDRO — Vocês é que não percebem o contexto... (*senta-se na caixa*)

DAVID — Claro que não percebemos, o Pedro muda de contexto sem avisar!

CARMEN — E se o Pedro nos avisasse, antes de mudar de contexto?

DAVID — Para facilitar. Quando estivesse a mudar de contexto, dizia qualquer coisa. Como “em geral, abomino generalizações, mas quando estou a tentar testar uma hipótese teórica, gosto muito”. Ou “em teoria, não gosto de passar muito tempo a pensar ou a falar mas, na prática, odeio fazer coisas”.

CARMEN — O Pedro não está a seguir nenhuma regra que se possa acompanhar.

PEDRO — Regras?

DAVID — O Pedro não gosta de regras.

PEDRO — Eu? Eu adoro regras. Tanto que até crio as minhas próprias regras. Sou um espírito livre.

CARMEN — O Pedro não nos está a dar todas as informações que precisamos para o poder ajudar!

DAVID — Recusa-se a dizer o que está dentro da caixa. (*aproxima-se de PEDRO, acusador*) Isso é o mesmo que perguntar: “Quanto é dois +?”

CARMEN (*aproxima-se de PEDRO, acusadora*) — Sim, quanto é 2 +?

PEDRO — Fácil, isso eu sei responder: Se for 2+1 é 3, se for 2+2 é 4, se for 2+3 é 5, se for...

CARMEN — Então, se a sua resposta é apenas listar todas as possibilidades, por essa lógica aqui dentro pode estar (*com um tom irritante*): almofadas, cadernos, livros, peluches, uma guitarra... podemos continuar nisto para sempre... ferramentas, material de escritório/

PEDRO tira um x-ato do bolso e abre-o. CARMEN cala-se e recua assustada. BRUNO recua assustado. PEDRO segura o x-ato numa mão e, com a outra, retira do bolso um cartão com um tópico de conversa. Lê.

PEDRO — Vocês preferiam saber como vão morrer ou quando vão morrer?

Silêncio. Eles olham para ele, preocupados.

PEDRO (*calmamente*) — Então? É uma pergunta simples!

CARMEN (*repetindo ponderadamente*) — Preferíamos saber como vamos morrer...

PEDRO — ... ou quando vão morrer. De uma maneira ou de outra, a morte era inevitável. Quer dizer, podemos até ser levados a pensar que, sabendo o “como”, poderíamos evitar a morte. Mas as coisas nunca são assim tão simples... Imaginemos que o David sabia que ia morrer de uma hemorragia... (*aproxima-se de DAVID empunhando o x-ato*)

DAVID (*afastando-se lentamente dele*) — Começava por manter-me longe dos objetos cortantes.

PEDRO (*sorrindo simpático*) — Não se preocupe, que ninguém vai morrer aqui esta noite!

DAVID — Como é que sabe?

PEDRO — Em princípio... O que não significa que não haja uma hemorragia...

Eles olham para ele ainda mais alarmados. Ele aproxima-se da caixa e passa o bico do x-ato suavemente pela abertura selada.

PEDRO — Há muitos tipos de hemorragias... Se pensarmos bem, o que é que significa “hemorragia”?

CARMEN — Significa/

PEDRO (*interrompendo*) — Um esvaziamento, o fluir de algo, no fundo uma libertação, não é? Não tem de ser necessariamente mau...

CARMEN — Mas porque é que temos de fazer tudo com jogos, com enigmas, com metáforas? Porque é que não abrimos simplesmente a caixa e vemos o que tem?

Silêncio. PEDRO olha para CARMEN. Repentinamente abre a caixa com o x-ato e afasta-se. CARMEN e DAVID aproximam-se da caixa, hesitantes, ajoelham-se e espreitam lá para dentro.

CARMEN (*agastada*) — Oh Pedro!

DAVID — Então era mesmo um jogo?

PEDRO — Vocês não estão a perceber.

PARTE 3 - CAIXA 2

PEDRO dirige-se à caixa e retira lá de dentro uma segunda caixa de cartão selada, que coloca à frente da primeira. A segunda caixa tem uma etiqueta onde está escrito “Para deitar fora”.

PEDRO — Não é um jogo.

DAVID — Então não sabia o que estava dentro da primeira caixa?

PEDRO — Sabia.

DAVID — Então é um jogo.

PEDRO — Não.

DAVID — Como não?

PEDRO — Porque se fosse um jogo eu também saberia o que está dentro da segunda caixa.

DAVID — E não sabe?

PEDRO — Não.

CARMEN e DAVID aproximam-se da segunda caixa e veem a etiqueta.

DAVID — Claro. Não sabe mas também não precisa de saber.

PEDRO — ...não preciso?

CARMEN — Então, Pedro? É claro que não precisa de saber porque diz aí que a caixa é para deitar fora.

DAVID — Precisamente.

PEDRO — Precisamente?

CARMEN — Não tem de se preocupar.

DAVID — Pode simplesmente deitar a caixa fora.

CARMEN — É o que diz a etiqueta: “para deitar fora”.

PEDRO — Por isso mesmo.

DAVID — Por isso mesmo, o quê?

PEDRO — Por isso mesmo é que eu não a posso deitar fora.

CARMEN — A lógica do Pedro escapa-me.

PEDRO (*começando a andar pelo espaço em oitos*) — Quando eles escreveram “para deitar fora”, sabiam que eu ia ler e portanto sabiam que eu ia pensar no motivo que os levaria a ter escrito isso; sabiam que eu ficaria curioso: Será que me queriam esconder alguma coisa? Será que há algo que eu não soube e devia ter sabido? É natural que eu pense assim, certo?

DAVID — Não.

CARMEN — Eles quem, Pedro?

PEDRO — E conhecendo-me eles como me conheciam — eles conheciam-me muito bem — provavelmente contariam com isto e portanto saberiam que ao escrever “para deitar fora” eu poderia ficar tentado a abrir, para descobrir o que é que eles queriam esconder, certo?

DAVID — Não.

CARMEN — Eles quem, Pedro?

PEDRO — Portanto podem ter escrito “para deitar fora” precisamente para que eu abrisse.

DAVID — Ah, afinal sempre é um jogo, mas é o Pedro que está a jogar.

CARMEN — Com quem é que o Pedro está a jogar?

PEDRO — Mas, sabendo eles que eu sabia que eles me conheciam muito bem... também podiam ter escrito isso para que eu não abrisse, porque eu saberia que eles saberiam que se escrevessem “para deitar fora” eu seria tentado a abrir, e por isso mesmo, eu deitaria fora.

DAVID — De quem é que o Pedro está a falar?

PEDRO (*parando*) — De quem? Das pessoas que me deixaram esta caixa. As pessoas que escreveram esta nota.

DAVID — “Para deitar fora”.

PEDRO — Não percebem? Não limparam, não se organizaram e deixaram-me esta caixa e agora tenho de ser eu a decidir o que fazer. Com a caixa deles. Eu. A caixa deles. Eu a decidir o que fazer com a caixa deles.

DAVID — Mas porque é que não lhes devolve a caixa?

PEDRO (*como se fosse óbvio*) — Porque é que não devolvo? Porque não posso!

DAVID — Mas porquê?

PEDRO — Porque eles já não existem! Desapareceram, foram-se, morreram... ainda não perceberam?

CARMEN e DAVID entreolham-se, preocupados.

CARMEN (*docemente*) — Mas, Pedro, então qual é o problema? Se eles desapareceram o jogo terminou.

PEDRO — Terminou? Não... porque eu ainda tenho esta caixa.

CARMEN — Mas se lhe deixaram uma caixa com a instrução “para deitar fora” é porque o que está lá dentro não era importante! Porque é que alguém guardaria uma coisa importante numa caixa a dizer “Para deitar fora”?

PEDRO (*ajoelhando-se junto à caixa*) — Porque há coisas importantes que são para deitar fora! Não percebem? Coisas que precisamos guardar, mas que não queremos que ninguém veja... coisas que nos embaraçam, que nos comprometem... um diário íntimo... provas de um crime... cartas de amor...

CARMEN e DAVID afastam-se dele, alarmados.

PEDRO — E, pior: o que está lá dentro pode ter a ver comigo! Porque houve uma altura em que eu também fui... um deles. Imaginem que eu abro a caixa, olho lá para dentro e... “Eh, eles pensavam isto de mim??”... mas também posso olhar e “Oh, espetáculo!!”... ou então “Pôrra, eles fizeram isto??”. É muito complicado, era muito complicado, aqueles tempos eram muito complicados, era preciso segurar as coisas umas às outras, segurar as pessoas umas às outras para não se afastarem umas das outras, como acontece nos terremotos, quando se abrem fendas e ficam umas pessoas de um lado e outras do outro. Por isso é que estávamos sempre a meter brocas em todo o lado, e pregos e fitas e agrafos - um em cada canto, (*mimando uma pistola de agrafos*) pum pum pum pum... — e parafusos, para as coisas não se afastarem umas das outras, percebem? E se um parafuso ficasse moído — moído percebem? Ficar ali a rodar sem nunca sair do sítio, (*mimando o parafuso moído*) aueca aueca aueca aueca — e os materiais rasgavam, cediam, percebem? Os materiais, os corpos, tudo, tudo.

Silêncio.

CARMEN (*docemente*) — Então o que o Pedro está a dizer é que não quer deitar a caixa fora?

PEDRO — Não! Não disse nada disso. (*cansado*) Vocês são tão literais...

DAVID senta-se no chão e começa tranquilamente a rebolar em círculos pelo espaço.

PEDRO — O que é que o David está a fazer, Carmen?

CARMEN — Então, Pedro, está a rebolar.

PEDRO — David, o que é que está a fazer?

DAVID — Estou a rebolar, Pedro.

Pausa. DAVID rebola perante o olhar atento de PEDRO e CARMEN.

PEDRO — Coisa estranha...

PEDRO tira do bolso um cartão com um tópico de conversa.

PEDRO — Vocês preferiam...

Silêncio. DAVID pára de rebolar, levanta-se.

PEDRO — Vocês preferiam começar todas as frases com “Ouve, idiota” ou terminar todas as frases com “estava a gozar!”?

Silêncio.

DAVID — Pedro, está a falar a sério?

PEDRO — Ouve idiota, claro que estou a falar a sério! (*pausa; sorrindo*) Estava a gozar! (*fazendo uma cara séria*) Mentira, não estava a gozar, só queria experimentar as duas

coisas para ver se havia diferença, mas gostava mesmo de saber o que é que preferiam...

DAVID — Se calhar podíamos experimentar falar assim durante um bocado e ver o que acontece... Estava a gozar!

PEDRO — Ouve idiota, isso é uma ótima ideia!

Silêncio.

DAVID (*confuso*) — Estava a gozar?

PEDRO — Não, não, acho mesmo que é uma boa ideia... (*sorrindo*) Estava a gozar!

CARMEN — Ouve, idiota! Como é que sabe que o que está aqui é para deitar fora por ser importante e não por ser lixo?

PEDRO — Ouve, idiota! Porque sei.

DAVID — Como é que sabe? Não disse que não sabia o que tinha? Estava a gozar?

PEDRO — Ouve, idiota! Não sei o que tem mas sei o que não tem.

DAVID — O que não tem? Como assim, o que não tem? Estava a gozar?

PEDRO — Ouve, idiota! Não tem um gato vivo.

CARMEN — Não tem? Estava gozar?

PEDRO — Porque já estaria morto... estava a gozar.

DAVID — Ouve idiota, como é que sabe?

PEDRO — Ouve, idiota! Não tem Urânio 235.

CARMEN — Não tem? Estava a gozar.

PEDRO — Ouve idiota, porque já estaríamos todos mortos... *(pausa; sorrindo)* Estava a gozar!

CARMEN suspira, levanta calmamente uma perna e segura-a ao alto com uma mão, em posição de "bandeira".

CARMEN — Ouve, idiota! Meteste uma caixa "para deitar fora", que não era tua, dentro de uma caixa "para guardar" e escondeste-a! Não guardaste a merda da caixa para guardar nem deitaste fora a merda da caixa para deitar fora. Abriste a merda da caixa que já sabias o que tinha, e não abres a merda da caixa que dizes que tem coisas mesmo importantes! E ainda te pões a fazer uma puta dum lista do que a caixa NÃO tem lá dentro? *(grita)*
PORQUE É QUE NÃO ABRES A PUTA DA CAIXA DE UMA VEZ?

PEDRO e DAVID olham para ela, chocados. CARMEN pouisa a perna calmamente e olha para os dois.

CARMEN *(muito delicada)* — ... estava a gozar.

PEDRO e DAVID suspiram, aliviados.

PEDRO — Não é assim tão simples. Porque as coisas não assim, lineares! A vida não é uma autoestrada, tem desvios, e rios e vales e montes e escarpas e... *(perde-se)*

CARMEN — Não volte às metáforas, Pedro, por favor, já tínhamos combinado.

PEDRO — Peço desculpa.

CARMEN — Não vai voltar às desculpas, pois não Pedro?

PEDRO — Voltar às desculpas?

CARMEN — Não responda a perguntas com perguntas, Pedro.

Pausa. PEDRO respira e tenta recuperar o discurso.

PEDRO — Não é assim tão simples.

DAVID — Pedro, o que é que o impede de abrir a caixa?

PEDRO — Não seria justo, seria uma desconsideração de pessoas que já cá não estão, seria uma... não seria ético, porque na altura em que fecharam a caixa — há muito tempo, naquela altura, naquela altura em que as pessoas fechavam caixas — elas podiam não querer que eu visse o que estava lá dentro/

CARMEN (*interrompendo*) — /já chega, Pedro.

PEDRO — É uma armadilha. Digam-me que percebem que é uma armadilha, que percebem a minha responsabilidade, que não posso deixar isto para quem vier depois de mim/

DAVID (*interrompendo*) — /porquê?

PEDRO — Porquê? Porquê? Eu não posso contrariar esta instrução, este “para deitar fora”, não posso pura e simplesmente ignorar e guardar a caixa como se/

DAVID (*interrompendo*) — /porquê?

PEDRO — Porquê? Então, porque... porque... porque... porquê, cabrões? (*para DAVID e CARMEN*) Não são vocês. (*para a caixa*) Porque é que me deixaram isto?

PEDRO senta-se desesperado no cubo branco. CARMEN e DAVID fazem um sinal entre si e aproximam-se dele calmamente. Tentam exprimir compreensão pela sua situação, mas o seu tom é artificial.

DAVID — Calma, Pedro. Não é justo que o tenham colocado nesta situação.

CARMEN — Não há soluções fáceis.

DAVID — Respire, Pedro.

CARMEN (*tocando em Pedro para demonstrar empatia*) — Nós não queríamos criar-lhe mais problemas...

DAVID (*tocando em Pedro, com mais intensidade, para demonstrar empatia*) — ... mas também não o podemos ajudar.

CARMEN — A decisão tem que ser sua: deitar fora, abrir... mas seja o que for, nós não o vamos julgar.

CARMEN e DAVID sorriem-lhe docemente. Depois dirigem-se às suas mochilas, fecham os bancos desdobráveis e preparam-se para sair.

PEDRO (*irónico*) — Tanto faz, não é? Para vocês qualquer coisa está bem! (*pausa; para CARMEN*) Não é, Emma? Posso tratar-te por Emma?

EMMA olha para ele.

PEDRO (*para DAVID*) — E a ti? Posso tratar-te por Felix?

EMMA e FELIX — Sim.

PEDRO (*aproximando-se deles*) — Pedro.

FELIX — O quê?

PEDRO (*aproximando-se ainda mais dele*) — “Sim, Pedro”. Chama-me pelo nome.

FELIX — Sim, claro. Pedro...

PEDRO — Não. PEDRO.

FELIX (*lento*) — Pe-dro.

EMMA e FELIX olham para ele, confusos.

PEDRO (*sorrindo, irónico*) — Vocês não percebem nada disto, pois não?

EMMA e FELIX começam a afastar-se na direção da entrada.

PEDRO — Esperem! Não podem sair assim de repente. Não agora. Agora sim: querem ver uma coisa mesmo mesmo concreta?

EMMA e FELIX param.

FELIX — Já temos pouco tempo.

PEDRO — Laranjas!

FELIX — Não queremos laranjas, Pedro.

PEDRO (*mostrando três laranjas*) — Três laranjas. Uma para cada um.

EMMA — Não nos apetece, Pedro.

PEDRO entrega uma laranja a cada um.

PEDRO (*retirando do bolso o x-ato*) — Vá lá, façam-me a vontade. O que é que vos custa?

EMMA e FELIX voltam a pousar as mochilas e aproximam-se dele, com as suas laranjas na mão.

PEDRO — Vamos descascar. Descascar! É tão bom! Não gostam? São só laranjas. Fazem bem, (*apontando alternadamente a faca e descascando meia laranja*) agora, no inverno... na primavera, no outono, no verão, o que a laranja tem de extraordinário é que lembra todas as estações... apanhar laranjas! Em vales verdejantes, a correr com espadas de cana, olhos semicerrados, os raios de luz num ângulo que fere, a refração na areia branca...

PEDRO come gomos da metade descascada. Repara que EMMA e FELIX não conseguiram descascar as suas laranjas; dá-lhes gomos da sua e incita-os a comer.

FELIX (*sofrendo*) — É ácida.

EMMA (*sofrendo*) — É um bocadinho ácida.

FELIX (*recompondo-se*) — É doce, mas um bocadinho ácida.

PEDRO — Ah, já estão a apreciar, não estão? Vamos experimentar de outra maneira.

PEDRO corta a metade que sobrou da sua laranja em dois quartos e pede-lhes que façam o mesmo.

PEDRO — Vá abram, descasquem! Usem as mãos! (*chupando um quarto de laranja*)
Chupem!

Eles não conseguem partir as suas laranjas em quartos. PEDRO divide o quarto que lhe sobrou e entrega um pedaço a FELIX e outro a EMMA.

PEDRO — Chupem! E aproveitem o momento.

FELIX cumpre indicação. EMMA tenta evitar enterrar os dentes na fibra da laranja mas acaba por trincar. Arrepiam-se.

PEDRO — Muito bem Emma! Muito bem Felix! Agora vão experimentar da minha maneira preferida. (*mimando*) Metemos assim um dedo, mesmo até ao fundo, e começamos a rodar o dedo, à volta, à volta, à volta, sempre a escarafunchar; vá lá façam como eu. (*EMMA e FELIX, enojados, seguem a demonstração de Pedro nas suas laranjas*) Sempre a rodar, a sentir a polpa, o sumo, o interior da casca, sentimos tudo! Depois tiramos... (*PEDRO mima que lambe o seu dedo, FELIX e EMMA imitam, ainda mais enojados*). Agora a melhor parte. Emma, incline-se para trás. Felix, incline-se para trás. (*EMMA e FELIX inclinam-se de costas*). Isso, inclinem-se para trás, abram os braços, deixem cair os braços, como se fossem voar.

FELIX — Voar de barriga para cima, Pedro?

PEDRO — Precisamente, Félix. Porque assim podem olhar para o céu. Deixem cair o pescoço ainda mais para trás, aproveitem até ao limite a vossa articulação cervical e olhem para o céu. Estão a olhar? Muito bem. Então fechem os olhos, segurem as vossas laranjas acima da boca e espremam.

EMMA e FELIX seguem as instruções a medo. Deixam cair umas pingas de sumo às cegas, tentando acertar na boca. PEDRO agarra as laranjas deles e aperta-as, aumentando o débito de sumo que agora se espalha também no rosto de FELIX e EMMA. Eles engasgam-

se e sofrem com o sumo ácido nos olhos. Não aguentam mais e afastam-se, gemendo e tentando limpar o sumo da cara.

PEDRO — Eu tenho pena de vocês...

PEDRO esguicha resto de sumo das laranjas para a sua boca.

FELIX (*revoltado*) — O Pedro tem pena de nós?

PEDRO (*esborrachando o resto das laranjas entre as duas mãos*) — Tenho.

FELIX (*incrédulo*) — O Pedro tem pena de nós?

PEDRO, EMMA e FELIX olham uns para os outros em silêncio. O sistema de som e imagem entra em suspensão; no ecrã aparece brevemente a imagem de um jovem PEDRO, feliz e despreocupado, num quarto cheio de recordações.

FELIX — Vamos embora, Mafalda!

MAFALDA — Vamos, Tiago.

MAFALDA e TIAGO dirigem-se às suas mochilas e debatem-se para pegar nelas com as mãos pegajosas do sumo.

PEDRO — Esperem. Não podem sair assim de repente. Assim não. Foi um bom bocado, não foi um bom bocado?

TIAGO (*frio*) — Foi, Pedro. Mas tudo o que é bom...

PEDRO — O quê?

MAFALDA (*fria*) — Acaba depressa.

PEDRO (*em negação*) — Mas eu tinha expectativas e ideias e coisas e queria... a sério que queria, mas depois é uma coisa e outra coisa e é sempre a mesma coisa e/

MAFALDA (*interrompendo*) — Mas qual coisa, Pedro? Só há o Pedro. É o Pedro.

PEDRO (*com raiva*) — Ah agora sou eu? Não são vocês, com as vossas falinhas mansas, com a vossa desconfiança. Sou eu! Vocês obrigam-me a usar metáforas que eu nunca usei e o problema sou eu?

TIAGO — Adeus, Pedro.

PEDRO (*negociando*) — Peço desculpa, estava fora de mim. Pára panelinha, pára. Vamos olhar uns para os outros. Não foi assim tão mau. Eu gosto de vocês. Vocês foram espetaculares; são boas pessoas, impecáveis, foda-se, são impecáveis... inteligentes ainda por cima!

TIAGO — Adeus, Pedro. (*pegando na mochila*) Temos mesmo de acabar.

PEDRO (*tentando a chantagem emocional*) — Esperem. Eu ajudo. Vocês já vão embora. Eu vou ficar sozinho...

TIAGO — Já estava.

PEDRO — Já me tinha habituado a vocês.

MAFALDA — Não fica sozinho; tem os seus jogos, os seus cartões, as suas caixas, as suas histórias, as painéis e os barcos côncavos, as suas músicas, os seus... (*aponta o espaço do percurso de pensamento do Pedro*) oitos...

PEDRO (*aceitando a situação*) — Um abraço então, por favor.

Tiago e Mafalda olham um para o outro.

PEDRO — Pelo menos um!

MAFALDA abraça PEDRO de modo artificial.

PEDRO — Acham que daqui a dois ou três dias vão sentir raiva ou pena de mim?

TIAGO e MAFALDA dirigem-se à entrada. PEDRO retira o x-ato do bolso e aproxima-se da segunda caixa.

PEDRO — Esperem, esperem. Querem ver uma coisa mesmo concreta? Agora é que vai ser, querem ver?

PEDRO espeta o x-ato na abertura selada da caixa. MAFALDA e TIAGO param, viram-se para trás e ficam a observá-lo. Silêncio.

PEDRO (*segurando o x-ato espetado na caixa*) — Vocês acham que ainda vai chover hoje?

MAFALDA e TIAGO saem.

EPÍLOGO

PEDRO (*falando alto para a entrada e segurando o x-ato espetado na caixa*) — Digam-me só uma coisa. Só mais uma coisa. (*silêncio*) Só uma coisa! Eu não pergunto mais nada, juro! Mas respondam-me só a isto:... (*silêncio*) Vocês preferiam nunca mais achar nada cômico ou nunca mais achar nada triste? (*silêncio*) Nunca mais achar nada cômico... ou nunca mais achar nada triste? (*silêncio*) ãn? (*sorri*) Esta é complicada, não é? Estão a imaginar? Nunca mais voltar a rir e ter de levar tudo a sério e só ver problemas e chatices à frente... que horror, ãn? Mas, por outro lado, não achar nada triste... ter à nossa frente uma pessoa a sofrer e não sentir nada, não perceber a tristeza da situação em que ela está, ou em que estamos nós; pior: se calhar ainda achar graça, ou achar que estamos a passar um momento agradável... (*olha para a caixa*) Que situação terrível... grotesca! (*para a entrada*) Estão a imaginar? (*silêncio*) O que é que preferiam? (*silêncio*) Têm de escolher, é mesmo assim! (*silêncio*) Digam! Têm de escolher! O que é que preferiam? (*silêncio; exausto*) Vocês ainda não perceberam este jogo, pois não?

O sistema de som e imagem entra em modo de "Reiniciar".

FIM